



*J. C. Ryle*



*J. C. Ryle*

# JUSTIÇA PRÓPRIA

Projeto  
**Ryle**

ANUNCIANDO A VERDADE EVANGÉLICA

# Justiça Própria

Sermão pregado por *J.C.Ryle*

1º bispo da diocese da Igreja da Inglaterra em Liverpool  
E publicado como o 8º capítulo do livro “A Carreira Cristã”

***“E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros” // Lucas 18:9***

Não há ninguém a quem esta parábola se aplique neste presente dia? Verdadeiramente, se assim fosse, os ministros de Jesus portariam um serviço leve e um posto ocioso. Não é frequente nos depararmos com homens que negam a divindade de Cristo, a pessoa do Espírito Santo, descreem da Bíblia, ou duvidam da existência de Deus, trazendo sobre si súbita destruição; mas, ah, temos provas diárias de que a doença apresentada em nosso texto está tão profunda e difícil de curar como nunca, e de todos os enganos astutos que mantém os homens fora do céu, de todas as armadilhas destruidoras da alma que Satanás utiliza para se opor ao Evangelho de Cristo, não há nenhuma que se mostra tão perigosa, nenhuma tão bem sucedida, como *a justiça própria!*

Talvez você ache estranho, mas ousou afirmar que poucos não iriam responder, se questionados sobre a base de sua esperança, e como esperam ser salvos, isso: “Confiamos nos méritos de Cristo”; mas temo que muitos de vocês estão fazendo do Senhor Jesus apenas um Salvador pela metade, e jamais passariam pela peneira de um interrogatório que

trouxesse à luz do dia os segredos de seus corações. Quanto seria mencionado sobre fazer o possível, não ser pior que os outros, ter sido sóbrio, diligente e bem comportado, ter participado da Igreja regularmente, possuir uma Bíblia e um Livro de Oração Comum desde quando você se lembre, e argumentos semelhantes, ao lado de muitos outros pensamentos auto-justificadores que geralmente não aparecem até o leito de morte, e todos provam que a raiz do maior dos males, o orgulho, está vigorosa e florescendo por dentro.

Oh, este orgulho de coração, amados! É assustador observar o dano que ele produz, e a falta de cuidado com a qual é considerado: é de fato melancólico pensar num homem, um fraco e frágil homem, descendente do caído Adão, herdeiro de uma natureza corrupta, esquecendo de suas inúmeras imperfeições e deslizes, confiando em si mesmo, e desprezando seus irmãos na carne; sabiamente nosso Senhor nos contou esta parábola logo após meu texto, que proponho trazer diante de vocês nesta tarde.

*“Dois homens subiram ao templo, para orar; um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, estando de pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo. O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado.” Lucas 18:10-14*

Observe agora quão mais impactante a lição se torna ao nos ser transmitido um exemplo. Quão pouco muitas pessoas seriam afetadas se nosso Senhor tivesse pronunciado um

discurso geral sobre o mal do orgulho e a excelência da humildade, sobre o perigo da religiosidade e a importância de um estado de mente penitente, se tivesse apenas declarado “não se apoiem na justiça própria em suas relações com Deus, mas sejam humildes e rebaixem a si mesmos”, e quão mais provável é que nossos duros corações se movam quando contemplarmos modelos dos dois tipos de adoradores, colocados vividamente diante de nossos olhos!

Que o Espírito Santo dirija a instrução aqui contida para o despertar dos cheios de justiça própria, para o conforto daqueles que labutam e se encontram abatidos, e para edificação de todos!

Agora, antes de entrar a fundo na parábola, desejo que notem que o primeiro verso nos aponta algo compartilhado entre o fariseu e o publicano – um único ponto em comum – e este é que ambos “*subiram ao templo para orar*”. Os dois tinham a mesma intenção, andaram pelo mesmo caminho, entraram na mesma casa, e até agora não descobrimos nenhuma diferença entre eles, pelo menos no comportamento externo; mas em breve perceberemos que seus corações estavam extremamente distantes, e como os adoradores registrados na Bíblia, Caim e Abel, havia um enorme abismo entre eles, pois Deus, notaremos, aceitou o sacrifício de um e rejeitou o do outro.

Oh, amados, essa passagem sugere terríveis reflexões, e sem dúvida foi escrita por nossa causa. Ambos os homens “subiram ao templo para orar”, e, no entanto, quão assustador é o fim da narrativa! Jesus tinha acabado de falar sobre a necessidade de constante oração, na parábola do juiz injusto, e imediatamente, sem nada acontecer para quebrar a sequência do discurso, Ele acrescenta a parábola que consideramos no momento. Decerto, então, ela deve servir para nos lembrar, como algo que somos suscetíveis a esquecer, de que mesmo

que a oração seja de suma importância, não devemos supor que todos que oram têm um espírito de oração, e que o serviço externo é muitas vezes prestado por corações sem uma devoção real a Deus.

É verdade que é animador e encorajante ver uma multidão subir à casa de Deus, mas é doloroso lembrar que muitos vão no espírito do fariseu e pouquíssimos no do publicano. Todos usam as mesmas orações, dobram os joelhos, juntos movimentam os lábios, e ainda assim são tão diferentes como o ouro e um metal comum. Nem todos que são chamados Israel são israelitas; nem todos que mencionam o nome de Cristo são cristãos; nem todos que se encontram no templo do Altíssimo são adoradores aprovados; e qual é a linha de distinção? Aprendemos nesta parábola. Alguns vêm como fariseus, e outros como publicanos; alguns aparecem com um coração contrito e quebrantado, o qual o Senhor não desprezará, enquanto outros com espírito orgulhoso e auto exaltador, sábios aos seus próprios olhos e puros em sua própria visão, e o sacrifício de tais é abominável aos olhos de Deus. Oh que vocês se lembrassem mais constantemente que *“o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração”*; e que para Ele *“todos os corações estão abertos, todos os desejos são conhecidos e dEle nenhum segredo é escondido”* - e se você sentisse isso mais, seria mais cuidadoso quanto ao espírito no qual se aproxima do Seu trono, e evitaria qualquer tipo de conversa vã e trivial tanto antes como após o culto, observando assim o conselho de Salomão, *“para guardar o teu pé, quando entrares na casa de Deus”*.

Voltemos, no entanto, à parábola da qual fui levado a me desviar. Mostrei a vocês que havia um ponto em comum entre o publicano e o fariseu; e agora prossigo para chamar a atenção de vocês ao principal objeto da parábola, ao traçar as

quatro grandes diferenças que percebemos existir entre esses co-adoradores. Observo, então, que:

- I.** Havia uma diferença no seu caráter
- II.** Havia uma diferença no seu comportamento
- III.** Havia uma diferença nas suas orações
- IV.** E, por último, houve uma diferença na recepção de suas orações

**I.** Com respeito *ao seu caráter*, a parábola, ou melhor, narrativa, pois é provável que seja uma história verdadeira, adotada por Jesus para o propósito do momento, começa afirmando que “*um era fariseu, e o outro, publicano*”. Agora, é quase impossível pensar num contraste mais chocante na opinião de uma congregação judaica. Os fariseus eram a seita mais radical entre os judeus: “*Eu vivia como fariseu, a seita mais severa*” diz Paulo. Eles oravam com frequência; o que era certíssimo, porém também faziam longas orações com uma pretensão, e oravam nas esquinas onde duas ruas se encontravam a fim de serem vistos pelas pessoas vindo de ambos os lados para obterem uma fama de santidade incomum. Não há razão para supor que eram algo mais do que pessoas morais, mas sua grande falha é que confiavam em sua performance externa da lei escrita como a base de sua aceitação diante de Deus. Eles parecem ter sido indiferentes quanto ao real estado de seus corações, e se importavam em apenas manter uma aparência justa perante os homens, pois amavam mais o louvor dos homens que o de Deus. Podemos ter uma ideia de seu real caráter através das palavras de nosso Senhor, “*que davam os dizimos da hortelã, do endro e do cominho, e desprezavam o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé*”, e daí Sua comparação deles com sepulcros caiados, que, de fato, por fora parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia. Eles “*faziam largos seus filactérios*”, e costuravam pergaminhos na borda de suas longas túnicas, onde alguns

textos das Escrituras eram escritos, para que as pessoas vissem e inferissem que eram grandes amantes da lei de Deus. Eram bastante radicais quanto às purificações externas, e davam muito valor à lavagem de recipientes, vasos de metal, mesas, e muitas outras coisas do tipo. Eram bastante zelosos pela tradição de seus pais, e pela observação de ritos e cerimônias da Igreja, e, no entanto, frequentemente tornavam a lei de Deus vã pelas suas tradições. Observavam o sábado com demasiada exatidão, a tal ponto que chamaram nosso Senhor de pecador, e disseram que Ele não era de Deus pois havia curado um cego de nascença num sábado. E por todas estas razões eram bem estimados pelo povo; pois os homens sempre preferem as obras da visão às obras da fé, e pensam mais no culto externo que no do coração. Mantinham os mais altos lugares nas sinagogas, recebiam muitos cumprimentos nas praças, eram chamados pelos homens de Rabi, e, em resumo, ganharam tanta reputação de piedade, que se tornou um provérbio entre os judeus que, se houvessem apenas dois homens salvos, um deles deveria ser um fariseu.

Estes eram os fariseus. Mas qual era o caráter dos publicanos? Bem diferente em todos os aspectos. Eles eram, em geral, judeus empregados para coletar os impostos romanos; e como os judeus se aborreciam de pagar impostos aos gentios, seu posto de coletores era visto como vergonhoso e desonroso. Além disso, é bem claro que eles costumavam cobrar muito mais que seu dever, e juntavam muitas riquezas através de falsas acusações, para o desgosto de seus compatriotas. Por causa disso eram tão amplamente infames, que nosso próprio Senhor disse aos seus discípulos que se alguém não ouvisse a Igreja, deveriam tratar-lhe como pagão e publicano. Os inimigos de Jesus consideravam uma séria acusação contra Ele o ser amigo de publicanos e pecadores; e em certa passagem vemos os publicanos e as meretrizes mencionados juntamente, como pessoas de semelhante reputação. No todo, então, podemos concluir que no ensino da



adoração aceitável, nosso Senhor não poderia ter escolhido dois exemplos tão desiguais como um fariseu e um publicano. Um é de alta estima com seus companheiros, enquanto o outro é peculiarmente ofensivo, mas quem Deus aceitará? Descobriremos em breve.

**II.** Em segundo lugar, *consideremos a diferença no comportamento desses adoradores.* Observe o fariseu. *“Estando de pé, orava consigo mesmo”.* Note isto: ele se dirigiu a uma parte visível do templo, onde poderia permanecer só, perto do altar, separado do resto dos homens, a fim de que todos percebessem quão devoto ele era, e não o perdessem de vista na multidão. Permanecia só, não entre a congregação, para que não fosse contaminado ao tocá-los; era muito bom para eles. Não lemos nada sobre humildade aqui; não é dito que ao menos tenha encurvado sua cabeça como um sinal de respeito ao seu Criador; mas ali permanecia ereto, como alguém que sentia como se tivesse cumprido tudo o que Deus exigia dele, como quem não tinha do que se arrepender, e que tinha o direito de esperar a benção de um servo fiel.

Tornemo-nos para o publicano. *“Estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito”.* Ele estava longe, provavelmente no pátio externo, como quem não se sente digno de ultrapassar o limiar daquele cujo nome é Santo. *“Nem ainda queria levantar os olhos ao céu”.* Achava a lembrança de seus pecados tão repugnante, e o fardo deles tão intolerável, que, como uma criança que ofendeu a seu pai, ele não ousava olhar nos olhos de seu Poderoso Criador. *“Mas batia no peito”.* Não conseguia controlar os sentimentos que surgiam em sua mente: pensava nas misericórdias que havia recebido e na sua negligência delas, na vida que havia levado e no Deus que havia desprezado, e, como aqueles que viram Jesus pendurado na cruz, *“batia no peito”* em tristeza, humilhação e temor a Deus. Amados, a postura do corpo e a expressão da face nem sempre são sinais certos do

estado do coração de um homem, mas vocês podem ter certeza de que um adorador de fato humilde e devoto geralmente será distinguido por sua conduta na casa de Deus.

Aquele que se encontra devidamente ciente de sua culpa, e vem a Jesus como seu Advogado; aquele que conhece a pecaminosidade do pecado e as artimanhas de Satanás, e o valor dos meios de graça e a necessidade de usá-los para salvar sua alma, tal pessoa jamais mostrará falta de reverência, qualquer leviandade ou descuido de conduta, quando entrar num lugar onde há constante oração e pregação do evangelho, e onde o próprio Cristo se faz presente. Mas se uma pessoa vem à Igreja com um ar de indiferença, como se estivesse fazendo um favor ao ministro e não se importasse de nunca mais voltar, se esta pessoa não participa das orações, e parece que ficaria envergonhada se o fizesse, não ouve a palavra de Deus, e não presta atenção no sermão; se ela se ocupa em observar as vestimentas das pessoas, ou dorme deliberadamente, ou conversa com as pessoas ao lado, ou faz planos para a semana seguinte, tal pessoa talvez tenha seus próprios motivos para vir aqui, porém é muito claro que não vem na maneira que Jesus ama, como um miserável pecador que vê nada além de mau em si mesmo, nem no espírito que Jesus ama, que é o espírito do publicano.

**III.** Ademais, nos concentremos *na diferença das orações desses dois personagens*. Ouça o fariseu: “*Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo*”. Grave essas palavras: Não há expressão de nenhuma carência aqui; ele parece perfeitamente satisfeito consigo; recita com prazer o que ele não é, e apresenta com orgulho o que é. Lembrem-se, amados, há uma base para grande gratidão se Deus nos possibilita a resistirmos pecados grosseiros, mas não há desculpa para o orgulho; nenhum de

nós possui algo que não tenha recebido, e não podemos fazer melhor do que seguir o exemplo de Paulo, que declarou, *“pela graça de Deus sou o que sou”*. Porém, o fariseu não tinha nada deste espírito. Estava errado em todos os aspectos. Estava errado ao supor, como evidentemente fez, que seu próprio poder e força o haviam privado destes males; e estava errado em crer que podia reclamar o título de perfeito observador da lei em qualquer destes pontos. Uma coisa é guardar os mandamentos de Deus na letra, e outra é guardá-los no espírito; a primeira alguns pensam ter cumprido, como o fariseu, mas a outra nenhum homem jamais observou, a não ser nosso Senhor Jesus Cristo. *“porque todos tropeçamos em muitas coisas”*, afirma Tiago. *“Quem pode entender os seus erros? Purifica-me tu dos que me são ocultos”* é a linguagem do salmista. Por último, ele estava errado ao supor que seu cumprimento literal da lei lhe daria um título de justificação aos olhos de Deus. A salvação é toda pela graça, não por obras, para que ninguém se glorie. *“Pelas obras da lei nenhum homem será justificado”*.

Mas o fariseu, além disso, estava especialmente errado em *deixar seu caminho para fazer observações desnecessárias e infrutíferas sobre o publicano*. Ele fala como quem não tinha que prestar contas de sua própria alma; assume como certo que o publicano era mais vil que Ele na visão de Deus, e prova ser filho do diabo ao usurpar o cargo de Satanás; se torna um acusador de seus irmãos. *“Não sou como os demais homens, nem ainda como este publicano”*. Amados, preciso chamar a atenção de vocês para esta linguagem, pois com tristeza relato que já ouvi pessoas expressarem ideias sobre si mesmos, que em efeito são o mesmo, e ainda professam e se autodenominam cristãos. Muitos respondem, se colocados contra sua pecaminosidade diante de Deus, *“Bom, de qualquer forma não sou pior que meus vizinhos: Sou grato por não beber, como o fulano da porta ao lado; não sou fornicador, como o ciclano; jamais deixo de ir à Igreja, como o*

outro descendo a rua”. Ouçam-me, eu suplico: não é esta a mentalidade do fariseu? Vocês não serão julgados pelo padrão dos que te rodeiam; não servirá como desculpa falar de seus vizinhos perante Deus; pecado é pecado quer você viva nele em companhia ou só; e saiba que descobrir que seus vizinhos também estão no inferno não diminuirá sua miséria ali. Oh, queridos, acautelem-se dessa ilusão; não poucos permitem que tais pensamentos habitem neles, que jamais expressam com seus lábios, e até mesmo na presença de Deus se lisonjeiam de que são aceitáveis a Ele, pois estão livres de vícios evidentes e grosseiros, e cumprem certas obrigações conhecidas. Todos estes são fariseus; usam a oração do fariseu, e terão a mesma recepção do fariseu nas mãos de Deus.

Ouçã agora o publicano. “*Batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!*”. Ele não clama “tem misericórdia de todos os pecadores”, deixando em dúvida se incluía a si mesmo ou não, mas “tem misericórdia de mim, um pecador em quem não há saúde, em quem não há coisa boa alguma- um pecador em pensamento, palavra e obra”; e então estabelece a base de sua esperança, diferente de alguns entre vocês, que esperam ser salvos sem saber exatamente como ou por quê. As palavras traduzidas como “*tem misericórdia*” vão além. Significam “faça uma propiciação por mim, ofereça-me uma expiação, seja reconciliado comigo, através do sacrifício que O Senhor determinou”. Vocês acham que ele se ofenderia, como alguns hoje são, se fosse chamado de filho do diabo, radicalmente corrupto, cheio de iniquidade e digno de nada além de ira? Longe disto: Ele sabia que era um pecador, sentia sua condição perdida, não inventava desculpas, não oferecia justificativas, não discorria sobre suas tentações, e não fazia grandes profissões de emenda, como se isto pudesse compensar o seu passado; mas se apresentava no trono de graça como estava, cansado e sobrecarregado, lançando-se sobre a longanimidade de Deus com todas as suas iniquidades, e clamando pelo sangue da expiação: “*Deus, tenha*

*misericórdia de mim, pecador*”. Bem-aventurados, de fato, são todos entre vocês que agiram de forma semelhante!

**IV.** Por último, resta-nos uma *breve consideração da recepção que os adoradores encontraram*. “*Digo-vos*”, disse Jesus, “*que este desceu justificado para sua casa, e não aquele*”. O publicano chegou pobre em espírito, e foi cheio; o fariseu, rico em méritos e autoestima, saiu de mãos vazias. O penitente foi não apenas perdoado, mas justificado; deixou sua casa aflito sob o peso da ciência do pecado, e retornou com alegria e paz; pediu misericórdia e recebeu, buscou a graça e a encontrou, foi faminto e sedento de justiça e se satisfaz: “este desceu justificado para sua casa”. Mas o fariseu orgulhoso, sem sentir suas misérias, e não conhecendo sua própria pecaminosidade, não buscou misericórdia, e não a encontrou, e partiu sem ser abençoado e ouvido; e pelas palavras “o publicano desceu justificado para sua casa, e não aquele”, podemos supor que este homem cheio de justiça e de dependência própria não experimentou nada do senso de favor e aceitação que o pecador arrependido gozou.

Agora atente para a aplicação geral de nosso Senhor: “*Qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado*”. Grave estas palavras- “*Qualquer que a si mesmo se exalta*”. Forte ou fraco, rico ou pobre, jovem ou velho, não importa; pois Deus não faz acepção de pessoas, “qualquer que a si mesmo se exalta” e não à livre graça, que confia total ou parcialmente em sua performance e justiça própria e não inteiramente em Jesus Cristo, ainda que vá à Igreja duas vezes ao dia, siga a letra dos Dez Mandamentos, pague todas as suas dívidas, e ainda que seja sóbrio, moral e tenha um comportamento decente, todo aquele que se exaltar será humilhado e condenado quando Jesus Cristo vier para o julgamento.

Por outro lado, “*qualquer que a si mesmo se humilha*” como um pecador diante de Deus e se achega a Cristo, ainda que tenha sido o pior dos pecadores, mesmo que tenha quebrado todos os mandamentos, e tenha violado o sábado, ainda que tenha sido um beerrão, ladrão, adúltero, extorsionário, qualquer que tenha sido o seu pecado, se agir como o publicano, ele “*será exaltado*”, perdoado, lavado, santificado e justificado por causa de Cristo, e herdará um lugar juntamente com Davi, Manassés, Maria Madalena e o ladrão da cruz no eterno reino de nosso Deus e do Cordeiro.

E agora, amados, *em conclusão*, permitam-me *exortá-los* em cima da lição transmitida nesta parábola. É a figura de uma grande porção de cristãos professos; alguns, para ser mais exato, são chamados por este nome, mas jamais pensam sobre Cristo ou sobre suas almas; não faria diferença se todas as Bíblias do mundo- fossem queimadas hoje, e, é claro, esses estão caminhando direto para a destruição; mas todos os outros, ricos ou pobres (não há distinção), são ou fariseus ou publicanos. Não há outra opção: ou eles confiam em si mesmos total ou parcialmente, que é basicamente o mesmo, ou eles são sempre autocondenados e não confiam em nada que possam fazer para a justificação.

Você não pode sondar seu coração diligente o suficiente, pois este é o mais sutil dos inimigos. Tome cuidado de não pensar, como o diabo deseja, que esta parábola é excelente para todo mundo, porém não toca seu caso especificamente. Esteja certo de que assim perderá a sua alma. A fiel Igreja da Inglaterra providenciou para vocês um admirável Livro de Oração, que leva vocês a se chamarem “*miseráveis pecadores*” todos os domingos de suas vidas. Vocês realmente sentem isto? Tenham por certo que se jamais gemeram sob o peso do pecado e jamais fizeram a oração do publicano sua oração, vocês não podem ser salvos. E se você sente dúvida quanto a sua salvação neste minuto, é melhor presentear sua alma com

o benefício disto, e assentar novamente a fundação de sua fé. Mas que ninguém esqueça o ponto da parábola: o fariseu não foi rejeitado por ser uma homem moral, mas por ser orgulhoso e confiar em sua justiça própria; e o publicano não foi aceito porque era um pecador, mas por ser eminentemente penitente. O verdadeiro arrependimento é necessário a todos, qualquer que sejam suas vidas e condutas externas: não é sua moralidade e suas virtudes, ó fariseus, que entram sua salvação, mas aquele sentimento orgulhoso de algo digno em vocês mesmos que impede que se apeguem simples e inteiramente à cruz e ao sangue de Jesus Cristo.

Levem pra casa, eu imploro a todos vocês, que tal como não há outro caminho de salvação além de Cristo, também não há outro caráter para entrar neste caminho além daquele do publicano, e não há oração tão aceitável aos olhos de vosso Redentor e Juiz como *“Deus tenha misericórdia de mim, pecador”*.

ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO USE ESSE SERMÃO  
PARA TRAZER UM CONHECIMENTO SALVÍFICO DE JESUS  
CRISTO E PARA EDIFICAÇÃO DA IGREJA

**FONTE:**

[http://www.tracts.ukgo.com/ryle\\_self\\_righteousness.doc](http://www.tracts.ukgo.com/ryle_self_righteousness.doc)

Todo direito de tradução protegido por lei internacional de domínio público

**Tradução:** Rodrigo Miziara

**Revisão:** Roberto Tsukino

**Capa:** Wellington Marçal



**Projeto Ryle – Anunciando a Verdade Evangélica.**

Projeto de tradução de sermões, tratados e livros do ministro anglicano John Charles Ryle, mais conhecido como J.C.Ryle (1816-1900) para glória de Deus em Cristo Jesus, pelo poder do Espírito Santo, para edificação da Igreja e salvação e conversão de incrédulos de seus pecados.

Acesse em: [www.projetaryle.com.br](http://www.projetaryle.com.br)





Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Projeto Ryle” como fonte, bem como o link do site **[www.projetoyle.com.br](http://www.projetoyle.com.br)**. Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material

---

## John Charles Ryle



John Charles Ryle (10 de maio de 1816 - 10 de junho de 1900) foi o primeiro Bispo de Liverpool da Igreja da Inglaterra. Ryle nasceu em Macclesfield, e foi educado em Eton e em Christ Church, Oxford.

Ele foi um atleta refinado que remava e jogava Cricket pela Oxford, onde ele alcançou um nível de primeira classe em História e Filosofia Greco-Romana tanto antiga quanto moderna e a ele foi oferecido uma comunhão universitária (posição de ensino) que ele declinou. Filho de um rico banqueiro, ele foi destinado para a carreira em política antes de responder ao chamado para o ministério ordenado.

Ele foi espiritualmente despertado em 1838 enquanto ouvia a leitura de Efésios 2 na igreja. Ele foi ordenado pelo Bispo Sumner em Winchester em 1842. Depois de sustentar um pastorado em Exbury, Hampshire, ele tornou-se Reitor (Pastor Presidente) da Igreja de São Thomas, Winchester (1843), Reitor da Igreja de Helmingham, Suffolk (1844), Vigário da Igreja de Stradbroke (1861), Cânon Honorário da Igreja de Norwich (1872), e Deão da Igreja de Salisbury (1880). Contudo, antes de ocupar o último ofício, ele foi avançado para a nova sé de Liverpool, onde ele permaneceu até sua resignação, que tomou lugar três meses antes de sua morte em Lowestoft.

Sua nomeação para Liverpool foi recomendação do Primeiro-Ministro, que estava deixando a Chefia de Governo, Benjamin Disraeli. Foi em 1880, com 64 anos de idade, ele tornou-se o primeiro bispo de Liverpool. Em sua diocese, ele exerceu um ministério de pregação vigoroso e franco, e foi um fiel pastor em seu clericalo, exercendo cuidado particular sobre retiradas de ordenação. Ele formou um fundo de pensão para o clericalo de sua diocese e construiu mais de quarenta igrejas. A despeito da crítica, ele aumentou as cômputas do clericalo antes de construir uma catedral para sua nova diocese.

Ryle combinou sua presença comandante e defesa vigorosa de seus princípios com graciosidade e calor em suas relações pessoais. Muitos trabalhadores e trabalhadoras compareceram às suas reuniões de pregações especiais, e muitos tornaram-se Cristãos. Ryle foi um forte sustentador da Escola evangélica e um crítico do Ritualismo. Ele tornou-se um líder da Ala Evangélica na Igreja da Inglaterra e foi notório por seus ensaios doutrinários e seus escritos polêmicos.